

LÍNGUA E REPRESENTAÇÃO AFRODESCENDENTE NO ROMANCE *A SELVA*: PROVOCAÇÕES EM TORNO DE UMA PRETENSA OBLITERAÇÃO NA LITERATURA AMAZONENSE

<https://doi.org/10.29327/210932.12.1-8>

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues
Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Letras,
Amazonas - Brasil
adrianaguiarodrigues@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2192-9981>

RESUMO: O romance *A selva*, de Ferreira de Castro, foi publicado em 1930. O enredo da narrativa abrange o período entre 1910 e 1920 e tem como tema a condição de seringueiros e de outros grupos subalternizados nos seringais da borracha situados nas brenhas da Amazônia. Tomando essa obra como objeto de análise, propomo-nos, neste artigo, a uma leitura crítica pós-colonial (Fanon, 2005, 2008; Bhabha, 2013; Brugioni, 2022; Hall, 2013) em torno da representação de personagens negros e mestiços em *A selva*, a fim de contestar uma pretensa obliteração de subjetividades negras e mestiças na Amazônia (Sampaio, 2011), bem como os modos como tais sujeitos são, via linguagem, constituídos. A literatura é entendida aqui, pois, como linguagem que pode contribuir para a visibilidade de sujeitos historicamente marginalizados e apagados ou, diversamente, pode configurar-se como mais um espaço de reificação, apagamento e/ou de exotização desses sujeitos (Said, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Representação afrodescendente. Crítica Pós-colonial. *A selva*.

LANGUAGE AND AFRO-DESCENT REPRESENTATION IN THE ROMANCE A SELVA: PROVOCATIONS AROUND AN ALLEGED OBLITERATION IN THE AMAZONIAN LITERATURE

ABSTRACT: The novel *A selva*, by Ferreira de Castro, was published in 1930. The plot of the narrative covers the period between 1910 and 1920 and its theme is the condition of rubber tappers and other subordinate groups in the rubber plantations located in the Amazon forests. Taking this work as an object of analysis, we propose, in this article, a post-colonial critical reading (FANON, 2005; 2008; BHABHA, 2013; BRUGIONI, 2022; HALL, 2013) around the representation of black and mixed-race characters in *A selva*, in order to contest an alleged obliteration of black and mixed-race subjectivities in the Amazon (SAMPAIO, 2011), as well as the ways in which such subjects are, by means of language, constituted. Literature is understood here, therefore, as a language that can contribute to the visibility of historically marginalized and erased subjects or, on the other hand, can also be configured as another space for reification, erasure and/or exoticization of these subjects (SAID, 2011).

KEYWORDS: Amazon. Afrodescendant representation. Postcolonial Criticism. *A selva*.



ALGUMAS QUESTÕES PRELIMINARES

Balbino ia contando os homens e dando explicações a Juca Tristão. Alberto pensava, olhando de longe a cena, nos navios negreiros de outrora, ao desembarcarem os escravos em plagas longínquas, quando a voz rude do pastor lhe recordou que também ele fazia parte do rebanho (CASTRO, 1989, p. 69).

No fragmento que nos serve de mote, o narrador do romance *A selva* (do português Ferreira de Castro) versa sobre as sensações da personagem Alberto ao chegar ao seringal Paraíso e observar o desembarque do navio Justo Chermont. A personagem resgata uma memória histórica, marcada por um passado de violência e exploração, que norteou as relações entre Portugal, Brasil e Angola: a memória dos navios negreiros e da escravidão. Ao tomarmos como tema esse contexto histórico, procuramos pensar as relações históricas e sociais do negro neste universo romanceado que é a Amazônia do ciclo da borracha – visto pela perspectiva de um narrador, cujo olhar se volta para um português, que traz consigo muito ainda da visão eurocêntrica e colonial.

No livro *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*, organizado por Patrícia Sampaio, a historiadora, ao contestar o discurso que defende a pouca participação do negro na região, afirma:

em se tratando de Amazônia e, mais particularmente, do Amazonas, estamos diante de um tema pouco frequentado pelos estudiosos. Um silêncio persistente que insiste em apagar memórias, histórias e trajetórias de populações muito diversificadas que fizeram desta região seu espaço de luta e de sobrevivência. Esta é uma dívida de muitas gerações que ainda reclama sua paga. (Sampaio, 2011, p. 8).

Num exercício de escovação a contrapelo da História (Benjamin, 1994), Sampaio, a partir de dados levantados em arquivos, sustenta que, desde meados do século XVIII, sob a mediação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, a introdução de negros no Grão-Pará se tornou uma realidade importante para a sociedade e a economia da província (Sampaio, 2011, p. 17). Em 1794, por exemplo, era concedida, inclusive, isenção de impostos aos que importassem escravos diretamente dos portos de Angola para o Pará. Esses, juntamente com indígenas, eram inseridos em diferentes modulações do trabalho compulsório e constituíam as bases da mão de obra disponível. De tal modo, conclui Sampaio:

os escravos do Grão-Pará, negros forros, mulatos fizeram valer sua presença de maneira significativa a despeito de um número considerado insignificante e também do fato de se encontrarem no último patamar da escala hierárquica de uma sociedade excludente. Também eles ajudaram a demarcar as fronteiras desse mundo colonial com suas experiências históricas. (Sampaio, 2011, p. 42).

Tal perspectiva é também corroborada por outros estudiosos (Barbosa, 2014; Bezerra Neto, 2012; Palheta, Damasceno e Santos, 2018; Vergolino-Henry e Figueiredo, 1976), que vêm dedicando-se à pesquisa sobre a diáspora das populações africanas e a

introdução dessas populações na região amazônica, no período colonial, motivada pela alegada necessidade de mão de obra escravocrata para as plantações. De modo geral, o que as constatações apontadas por tais pesquisadores implicam para o nosso estudo é, sobretudo, o fato de sugerir motivações de Ferreira de Castro para a inclusão do negro em *A selva*. O livro organizado por Sampaio (2011), por exemplo, aponta luzes que podem nos amparar quanto a uma compreensão mais aprofundada da presença de matrizes étnicas no romance (como o negro e o mestiço) e, mais especificamente, nos seringais da borracha e nos interiores do Amazonas, os quais muitas vezes estiveram nas rotas de fugas de escravizados.

Outra evidência da presença negra na Amazônia se encontra no livro do europeu Paul Marcoy, que, no relato de sua viagem pelo Rio Amazonas, realizada na primeira metade do século XIX, além de registrar o encontro com sujeitos afrodescendentes, aponta o interior como rota de fuga:

depois de dez minutos dessa lúgubre viagem chegamos ao pé de uma pequena elevação rodeada de água preta. Uma pequena cabana com seu alpendre anexo e uma pequena horta coroavam o seu topo. *Três desertores brasileiros, refugiando-se nesse lugar, haviam construído o casebre e aqui viviam em paz e segurança com suas mulheres pardas de narizes achatados.* [...] Sabendo dos remadores que eu ia para Ega, os nossos hospedeiros me imploraram, na despedida, que não revelasse o seu paradeiro ao comandante da cidade, e me presentearam com alguns abacaxis colhidos na sua horta (Marcoy, 2006, p. 107, grifos nossos).

As pesquisas desenvolvidas por Ygor Cavalcante (2011), em *Fugido, ainda que sem motivo: escravidão, liberdade e fugas escravas no Amazonas Imperial (1850-1888)*, ratificam o caso citado por Marcoy, na medida em que sustentam (com dados levantados em anúncios de jornais e outros arquivos) que o vale amazônico serviu como rota de deslocamento para negros, mestiços e indígenas foragidos de trabalhos compulsórios.

Ainda no livro organizado por Patrícia Sampaio (2011), há um capítulo intitulado *Gente sem crônica definitiva: negros e mulatos n'A Selva*, escrito em coautoria com Maria Aleixo. Aí, as autoras, por intermédio da literatura, entendem o romance de Ferreira de Castro como mais uma estratégia para romper o silêncio sobre a participação histórica do negro na região. Com tal intuito, o texto pontua passagens da narrativa que identificam a presença de negros e mestiços no Seringal Paraíso e, ao fim, esboça uma análise das ações do ex-escravizado Tiago, personagem fundamental no desfecho da narrativa. Aceitas, então, as evidências da existência e participação do negro na região (realidade que se quis apagar da cidade higienizada que se dizia Paris dos trópicos, forjada no tempo áureo da borracha), e mais, reconhecendo o romance estudado como testemunho das condições históricas, sociais e econômicas a que eram submetidos povos e grupos sociais menos privilegiados numa dada conjuntura e hierarquia social, busca-se, a partir dos pressupostos da crítica pós-colonial (Said, 2011; Hall, 2013; Brugioni, 2022), analisar de quais representações étnicas de personagens é possível falar em *A selva*.

Considerando certa profusão na fortuna crítica em torno desse romance de Ferreira de Castro, o que buscamos, ao revisitarmos *A selva*, é acrescentarmos uma perspectiva crítica que compreende a narrativa como produto que nos permite enxergar as relações coloniais/colonizatórias e raciais na Amazônia do ciclo da borracha no início do século XX. Tal perspectiva implica, portanto, uma compreensão da literatura como fenômeno de linguagem que, nos termos de Edward Said, em *Cultura e imperialismo* (2011), deriva da experiência histórica das sociedades, dos autores, dos leitores, não podendo ser admitida fora das instâncias políticas. Em outras palavras, a literatura, como linguagem e produto cultural, exerce uma grande importância na formação de atitudes, referências e experiências, posto que ela está no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo. De igual modo, a literatura, em contraponto, pode ser compreendida como método usado pelos povos outrora colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria (Said, 2011).

Ao encararmos com essa lente crítico-interpretativa o romance de Castro, escritor português com passagem pela Amazônia, esperamos trazer à superfície alguns dos meandros acerca da representação das personagens negras e pardas, considerando noções geográficas, de classe social, de gênero, bem como a encenação literária da língua dessas personagens (Alkmim, 2006, 2008; Alkmim; López, 2009), por comparação com outras personagens subalternizadas que aparecem no enredo desta obra que a crítica literária tem tomado como contundente testemunho e denúncia das relações históricas análogas à escravidão nos seringais da borracha. Nas entrelinhas dessa representação, dada por um escritor lusitano que experienciou as vivências violentas das margens amazônicas, dos seringais de extração do látex, o que se pode conjecturar em termos étnico-raciais em *A selva*?

LINGUAGEM E AFROPERSONAGENS N'Á SELVA: CEARENSE-SERINGUEIRO, AMAZÔNIDA, MULHER

[...] todos de cor, mulatos uns, mais carregado o escuro nos outros, iam da juventude até os trinta e cinco anos, até os quarenta – idade máxima concedida ao selecionador para o recrutamento, já que nos seringais não tinha lugar para os fracos ou os inúteis (CASTRO, 1989, p. 35).

Desde a epígrafe do seu romance, Ferreira de Castro já aponta para as minorias, que estão representadas sejam na personagem do judeu Elias Bensabat, sejam nos migrantes japoneses que chegam à Amazônia como parte de um projeto de desenvolvimento da agricultura, sejam, ainda, na força de trabalho do sertanejo, do mestiço e do negro. Quando se adentra a narrativa, as primeiras descrições dão conta da presença afrodescendente. Trata-se dos futuros compartes de Alberto na terceira classe do Justo Chermont: “todos de cor, mulatos uns, mais carregado o escuro nos outros, iam da juventude até os trinta e cinco anos, até os quarenta – idade máxima concedida ao selecionador para o recrutamento, já que nos seringais não tinha lugar para os fracos ou os inúteis” (Castro, 1989, p. 35).

Em semântica similar, ao situar o embarque em Belém, o narrador novamente alcunha os trabalhadores: “os olhos da malta negrusca, subitamente especada por ordem do condutor, vasculharam o barco de lado a lado, varando-lhe os dois conveses” (Castro, 1989, p. 37, grifos nossos). O vocábulo “malta”, conforme consta no dicionário Houaiss, é o mesmo que “corja, súcia, bando de pessoas de má fama ou má índole” (2008, p. 482). Adjetivo revelador do pensamento sobre os negros, igualmente é essa a ideia que perpassa a fala de Balbino, ao discutir com Macedo sobre três homens arregimentados no Ceará e foragidos logo na chegada a Belém:

Ter andado de Herodes para Pilatos, batendo todo o sertão do Ceará no recrutamento dos tabaréus [...], e afinal, depois de tanto trabalho, de tantas palavras e canseiras, fugiram-lhe nada menos de três! Que diria Juca Tristão, que o tinha por esperto e exemplar, quando ele lhe aparecesse com três homens a menos no rebanho que vinha pastoreando desde Fortaleza?

[...]

– É tudo uma malandragem! Ah, bom tempo em que havia relho e tronco! Então, esta canalha andava mesmo metida na ordem! Hoje não se prende ninguém por dívidas e dizem que já não há escravos. E os outros? Os que perdem o que é seu?” (Castro, 1989, p. 27).

A fala do capataz de Juca Tristão deixa à mostra o discurso retrógrado e racista que, passados mais de quarenta anos da abolição da escravatura no Brasil (considerando o ano de publicação do romance, isto é, 1930), parece ainda rondar o pensamento.

Entendendo-se que o tempo e o aspecto verbais são categorias semântico-discursivas que marcam efetivamente os enunciados, é possível notar alguns aspectos da fala de Balbino. O enunciador, ao conjugar o verbo “dizer” na terceira pessoa do plural (“dizem que não há mais escravos”), exclui-se do grupo que afirma não haver mais escravidão e levanta dúvidas quanto à certeza da abolição, indicando a possibilidade de ser ainda uma prática recorrente no Norte. Já a pergunta lançada – “Os que perdem o que é seu?” – acentua o modo como o homem é visto, ou seja, como um objeto. Logo, a personagem posiciona-se claramente contrária à liberdade do negro, dos sujeitos subalternizados, e vê no fim do sistema escravagista um mal à economia regional e à própria sociedade.

A presença negra em *A selva* não se restringe aos homens afrodescendentes arrebanhados por Balbino para extrair o látex no Paraíso. No trecho do romance, por exemplo, em que se narra a passagem do Justo Chermont pelas pequenas cidades nas brenhas da Amazônia, o narrador revela que negros e mestiços estão não apenas dentro do navio, a caminho do seringa, mas participam também do pequeno comércio que ganha vida a cada parada nos portos: “moleques e adultos, negros, mulatos e caboclos, invadiram o navio, em ruidosa venda de frutos e de cuias de vários tamanhos e feitios” (Castro, 1989, p. 51).

Acerca das funções que os negros desempenhavam na região, Sampaio (2011) destaca que nos centros urbanos um conjunto de atividades e especializações era exercido por: coletores, vendedores, carpinteiros, ferreiros, cozinheiras, negros que soubessem co-

ser, lavar, engomar, cozinhar, entre outros. Nesse sentido, Ygor Cavalcante (2011) afirma que, na segunda metade do século XIX, existia inclusive um comércio de trocas entre escravizados, seringueiros, tapuios, indígenas, desertores e entre outros moradores da floresta, o qual se desenvolvia por toda a região amazônica.

Como parte de uma minoria, há também no romance a presença de mulheres negras e mestiças. Estas, socialmente, não têm uma situação muito diferente da condição masculina, como se pode notar no diálogo travado entre Alberto e Firmino: “- Então em Humaitá não há mulheres?” – questiona Alberto. Ao que o cearense responde: “- Dizem que há uma preta e uma mulata. As outras têm dono” (Castro, 1989, p. 104). A afirmativa de Firmino situa bem o contexto de exclusão e preconceito a que eram submetidas as mulheres de tez escura. Únicas solteiras na cidade; no seringal a situação também não varia muito. Nhá Vitória, a negra sexagenária, é uma das raras sem par, como novamente aponta Firmino em uma das festas na alpendrada de Lourenço: “a negra, que está ao pé, é nhá Vitória, que lava a roupa de seu Juca, de seu Guerreiro e de seu Binda e é mãe de Alexandrino” (Castro, 1989, p. 118). As funções exercidas pela personagem parecem ratificar as atividades desempenhadas pelas negras: a lavagem de roupa e outros serviços domésticos.

Dentre o rol de personagens negros de *A selva*, há dois que nos parecem oferecer elementos para uma análise mais detida: Filipe Pinheiro e Tiago. É durante a viagem que um dos passageiros, observando o jeito “quieto e solitário” de Alberto, aproxima-se e, em gesto de amizade, oferece-lhe um prato de feijoada. Mas, de forma ríspida, é afastado pelo português. Esse negro se chama Filipe Pinheiro.

Era um preto. Vexado pela recusa e avareza de palavras e já arrependido da sua fraternidade, morreu-lhe o sorriso que trazia nos lábios grossos, encolheu levemente os ombros e voltou ao rancho de onde partira, justamente quando uma pequena simpatia, acabada de nascer, se pôs a seguir-lhe os passos (Castro, 1989, p. 45).

Como aponta o fim do fragmento, ao longo da viagem, a resistência de Alberto em aproximar-se daqueles que ele, a essa altura, considerava uns párias será, senão vencida, ao menos amenizada por esse sujeito, cujo narrador assim o descreve:

palrador e folgazão, amigo de ser útil, tinha quase sempre nos lábios um sorriso de solicitude e uma maneira inofensiva. [...] e entretinha Alberto com histórias de “curupiras” e de caçadas aventurosas.

– Uma vez no Acre, tava eu memo, cum rifle no ombro a fazê pontaria...

– Mas tu já estiveste no Acre? – interrompeu um dos parceiros.

– Intão, num tive? Inté me aconteceu... (Castro, 1989, p. 53).

Filipe parece ter sido a personagem construída pelo romancista para conter em si alguns dos estereótipos que caracterizam o negro na literatura (Brookshaw, 1983). É o sujeito de lábios grossos, simpático, solícito, falador, alegre e cuja encenação da fala, feita pelo narrador, apresenta um conjunto de traços linguísticos que se distingue, conforme fica claro na oposição entre o português desviante da personagem e o português-padrão

do parceiro: “–Mas tu já estiveste no Acre?”. É sobretudo este aspecto sociolinguístico que nos chamou atenção quando nos deparamos com a personagem de Filipe Pinheiro.

Tânia Alkmim, ao estudar a representação linguística de negros e escravizados no Brasil do século XIX, afirma que se percebe de imediato um contraste entre a fala do branco e a do negro, além de apontar que isso é um exemplo de marcas indicativas do caráter “desviante” da variedade de português falada por negros. Embora seja fato que nem todas as personagens negras do século XIX tenham sido representadas com fala incorreta ou distorcida, Alkmim (2008, p. 251-252) afirma que “muitos autores de teatro e de prosa de ficção procuraram construir seus personagens negros e escravos com a ajuda de marcas linguísticas que assinalavam o caráter desviante de suas falas em relação à fala de personagens brancos”.

Ao analisar as representações (da oralidade e da escrita) de pretos-velhos, Alkmim e López (2009) observam, por exemplo, que tais personagens (em si ou em comparação com outras personagens) são caracterizadas por um comportamento linguístico associado a essa condição diaspórica e étnico-racial, sendo assinaladas por um conjunto de traços linguísticos que as enquadra enquanto usuárias de uma variedade (desviante) do português que contrasta com o português brasileiro. Nas palavras das autoras:

De um ponto de vista geral, as representações das falas do Pai João e dos pretos-velhos [...] chamam a atenção pelo seu evidente caráter “desviante”. Mais precisamente, podemos apontar que as marcas linguísticas presentes funcionam como identificadores de pertencimento social e étnico.

Muitas das marcas coincidem com usos linguísticos que, historicamente, são associados a falantes pouco escolarizados, pertencentes a grupos considerados socialmente “inferiores”, de origem rural (Alkmim; López, 2009, p. 42-43).

O que nos chama atenção no caso específico do romance *A selva* é que a hierarquia social racista, mesmo em contextos de representação de subalternidades, impõe-se na representação da personagem Filipe Pinheiro, atuando a língua como fator de distinção entre sujeitos negros e não negros, ainda que estejam todos inseridos no mesmo contexto regional e social, a saber, o da exploração da força de trabalho nos seringais da borracha. Essa memória social nos parece, portanto, perpassar o projeto literário de Ferreira de Castro. Como afirmam Alkmim e López (2009, p. 46):

Ao observar as histórias, versos e cantigas, percebe-se, de modo claro e inequívoco, que com frequência as marcas linguísticas são ferramentas úteis através das quais vários autores, narradores e cantadores reforçam a imagem estereotipada dos indivíduos muitas vezes considerados inferiores: pessoas adultas, idosas, linguisticamente inábeis, expressivamente infantilizadas [...].

Nesses casos é igualmente possível que tais representações ignorem marcas de línguas africanas ou indígenas, muitas vezes consideradas línguas inferiores ao português [...].

Em sentido análogo, Frantz Fanon, debruçando-se sobre as relações sociais entre o negro e a linguagem, afirma que aquele será tanto mais branco, isto é, aproximar-se-á

mais do homem verdadeiro, à medida em que adotar a língua do colonizador (Fanon, 2008, p. 34). O autor traz alguns exemplos e argumentos que apontam como, nos países africanos de colonização francesa, as línguas locais, como o crioulo, são menosprezadas pela burguesia ou pela elite local. Por conta dessa atitude, o negro, chegando à França, por exemplo, procurava reagir contra a “imagem do preto comedor-de-RR” (Fanon, 2008, p. 36), esforçando-se para ter uma pronúncia do francês-padrão. É a esse estereótipo, ou seja, do comedor de RR, que também Filipe Pinheiro é associado, como o narrador enuncia: “suprimia, como todos os seus conterrâneos, muitos RR, deixava em silêncio sílabas sem conta, acentuava outras arbitrariamente” (Castro, 1989, p. 53).

Em todo o romance de Castro, Filipe terá outras duas oportunidades de se pronunciar. Ambas em diálogo com Alberto. Vejamos os fragmentos:

- Vancê vai a terra; im Manaus?
- Não sei ainda. Provavelmente vou. Por quê?
- É qui que queria i cum vancê. Na terra qui a gente num conhece, quanto mais homi fô, mio.
- Está bem. Iremos juntos. (Castro, 1989, p. 54).

E adiante, quando Alberto retorna da cidade:

- Intão? Qui tal é a cidade?
- É bonita.
- E a respeito de muieres?
- Também as há por lá bem boas. (CASTRO, 1989, p. 61).

Ao caracterizar a variedade linguística falada por negros e escravizados, Alkmim indica as seguintes diferenças presentes na fala das personagens por ela estudadas: queda do “r” e do “l” final, iotização, fechamento do timbre da vogal em sílabas pretônicas, átonas finais e em monossílabos, entre outros. Observando a fala de Filipe a partir desses fatores apontados, pode-se citar a presença de quase todos, como: queda do r final (fazê); iotização (muieres, mio); alçamento vocálico (intão, qui, cum); aférese (tive); e nasalação (im, inté, vancê)¹. Desse modo, o conjunto de marcas linguísticas que caracteriza a fala da personagem criada por Castro é fator que não apenas contribui como também determina a diferenciação entre Filipe e os outros.

Muito embora, em estudos ampliados, Tânia Alkmim sugira que, na verdade, a oposição de fala não seja somente em nível “racial” (como português de preto e português de branco), mas, sobretudo, que “o quadro sociolinguístico do Brasil do século XIX se organizaria em torno da oposição ‘português de letrados’ e ‘português de não letrados’” (Alkmim, 2008, p. 260). O que se observa, porém, em *A selva* é outra ocorrência: há uma oposição entre o português de branco (representado em Alberto) e o português de preto (representado em Filipe Pinheiro). Mas há também outra situação, a diferenciação entre a fala de Filipe e a de seus iguais. Isso se torna evidente no trecho que reproduzimos an-

1 Iotização “é a mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta / i / ou para a semivogal correspondente” (Câmara Jr., 1979, p. 149). Aférese “é o nome que caracteriza o fenômeno de supressão de um fonema (ou uma sílaba) do início de um vocábulo” (Botelho; Leite, 2011).

teriormente, no qual um dos parceiros intervém no diálogo, e, também, quando se comparam as falas de Filipe, Tiago e Firmino – sertanejo, seringueiro, analfabeto, cearense e mestiço, mas de fala não estereotipada e não caricaturada.

Visto por essa perspectiva, o modo de se expressar de Filipe expõe duas possibilidades de leitura: a primeira, de um negro que não se reconhece na língua portuguesa; a segunda, de um negro que, ao seu modo, e talvez tendo contato com variantes africanas, utiliza-se de uma sintaxe, morfologia e fonética da língua do colonizador para se fazer comunicar.

Alkmim (2008) levanta ainda uma hipótese: e se os autores “inventaram” uma língua para negros e escravizados? Se tomarmos como fato essa hipótese, a fala de Filipe novamente apontaria para duas questões: 1) seria um registro, uma transcrição fonética de um tipo sociolinguístico de fato presente no Brasil, e isso ratificaria a ideia propagada “de que negros e escravos brasileiros se expressam em uma variedade de português cheia de erros e imprecisões” (Alkmim, 2008, p. 255); ou, 2) poderia ser apenas uma criação literária, que se justificaria por explicar ou representar as diferenças menos linguísticas do que sociais entre sujeitos afrodescendentes e os demais grupos étnicos.

Ambas as ideias parecem servir para explicar a distinção linguística entre os próprios homens arregimentados no Ceará, que, embora sejam tratados como um rebanho, como um corpo único, transparecem diferenças no nível da linguagem. Além disso, a fala de outro negro do romance, Tiago, não revela os desvios fonéticos e gramaticais da de Filipe Pinheiro. Ao contrário do caso de Filipe, o discurso daquela personagem, especificamente na cena final do romance, é caracterizado por um português-padrão. E aqui chegamos à segunda personagem que queremos analisar mais detidamente.

ENTRE A SENZALA E O SERINGAL DA BORRACHA: PERSISTÊNCIA DE DISCURSOS, TRAUMAS E VIOLÊNCIAS NA AMAZÔNIA

[...] eram sempre canções lentas, arrastadas, fatalistas, que enchiam a noite de melancolia, fazendo esquecer a voz pastosa do bêbado. Canções de escravos, mais toada do que palavras, por ele aprendidas na infância e trazidas para o Brasil no ventre dos negreiros (Castro, 1989, p. 149-150).

Ex-escravizado, maranhense, Tiago “conhecera os dias de trabalho sem fim, o chicote do feitor, o tronco, o corpo a escorrer sangue. Depois, já com a carta de alforria, viera para ali” (Castro, 1989, p. 149-150). Chegou ao seringal ainda jovem e conseguiu até vender borracha, mas nunca obteve saldo. “A cachaça levava-lhe grande parte do tino e a sua ingenuidade de escravo redimido levava-lhe o resto. Nunca mais saíra dali. Quando Juca Tristão comprou o seringal já ele havia se tornado um farrapo inútil e risível” (p. 149-150).

Nomeado pelo narrador como Mefistófeles de Ébano (Castro, 1989, p. 182), Tiago, enquanto Filipe representa o estereótipo do negro leal e cordial, aproxima-se do estereótipo do negro-demônio e desprezível. Conforme David Brookshaw (1983, p. 32), “o escravo demônio era o quilombola, ou fugitivo, que deu as costas ao senhor branco,

confirmando, assim, sua selvageria”. Aliás, Castro parece representar a dupla imagem do negro que persistiu durante longo período da literatura, na qual era retratado ou como escravizado humilde e resignado (tal qual Filipe Pinheiro) ou como escravizado imoral, demônio, de uma fealdade indescritível (tal qual Tiago): “tinha um sorriso alvar sobre a negridão da boca sem dentes e os seus olhos muito brancos, todas as linhas do seu rosto, dir-se-ia pintados em pano que vestisse um fantoche de palha” (Castro, 1989, p. 150)².

Na maior parte do romance, o “Estica”, como também é conhecido Tiago por causa de sua perna coxa, representa uma figura dúplice. Na relação estabelecida com Juca Tristão, é o “serviçal” fiel, usado como títere nas brincadeiras de tiro ao alvo, realizadas pelo dono do Paraíso. Ao longo da narrativa, Tiago alimenta um profundo envolvimento emocional com Juca. Por ocasião de uma viagem do seringalista a Belém, por exemplo, ele se coloca como um vulto fantasmal na despedida, chorando em humilde silêncio: “as lágrimas corriam, em fio, sobre o rosto envelhecido do grande fantoche negro” (Castro, 1989, p. 160). Tiago tem tamanha admiração pelo proprietário que é capaz de se mostrar indiferente à morte de um seringueiro (ocorrida momentos antes da partida), mas ao mesmo tempo é capaz de expressar larga servidão e afeição ao amo, além de ceder a quase todos os seus desejos.

Desse modo, à parte sua afetividade pelo seringalista, na relação com os demais Tiago representa o bruxo, cachaceiro e agressivo, pouco amistoso:

a sua perna coxa [...] parecia-lhe desgraça demasiado grande para que os outros ainda se rissem dela. Muitos seringueiros exibiam cicatrizes de golpes de terçado que ele lhes dera, em arremetida desafrontadora. Se estavam longe, a sua boca de sapo, já desdentada e mascando constantemente fibras de tabaco, lançava, com a saliva negra, todas as obscenidades conhecidas. [...] Só o álcool acendia ainda a sua vida sugada por todas as vicissitudes, aquele corpo alto, escanzelado e capenga de duende negro. (Castro, 1989, p. 149).

Conquanto o fantoche de Juca tenha problemas em relacionar-se com outros grupos étnicos do romance, Ygor Cavalcante (2011) defende que as relações multiétnicas nem sempre foram pautadas pelo conflito. Pelo contrário, muitas vezes as relações sociais estabelecidas pelos escravizados na Amazônia aproximavam sujeitos com realidades étnicas bastante diferentes. Mas, com poucas exceções (como o companheirismo entre Firmino e Alberto), este não parece ser o caso do romance de Castro quando pensado por esta perspectiva.

Ainda como parte da representação grotesca a que é vinculada a personagem de Tiago, chama atenção a sua morada, que contribui para reforçar a imagem do negro-demônio:

vivia isolado numa velha barraca, onde entrava a chuva, o Sol e vento. E se por processos que só ele sabia, obtinha mais cachaça além da ração estabelecida, embriagava-se e passava a noite em interminável gritaria. [...]. A selva acolhia

2 Conforme Domicio Proença Filho, “a prevalência da visão estereotipada permanece dominante na literatura brasileira contemporânea, pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir, paralelamente, textos compromissados com a real dimensão da etnia” (Filho, 2004, p. 166).

com espanto aquela voz e ia repercutindo de desvão a desvão, estarrecendo a noite. Ninguém podia dormir, pois quando se julgava, por súbito silêncio, que o ébrio entrara enfim no sono, os gritos voltavam de novo e cada vez mais intempestivamente. Nessas horas negras de tumulto, nem as próprias onças se aproximavam, por mais porcos que houvesse na pocilga. (Castro, 1989, p. 149).

Isolado tal qual um bruxo na floresta, Tiago parece encontrar-se entre um estágio humano e animal. Por vezes assume um aspecto zoomórfico (boca de sapo, negra e sem dentes, olhos esbranquiçados, pele engelhada, corpo escanzelado de duende), por outras alude à imagem do velho bruxo da África, feiticeiro, conforme é descrito nas ocasiões em que se recolhia na sua barraca e entoava melodias: “eram sempre canções lentas, arrastadas, fatalistas, que enchiam a noite de melancolia, fazendo esquecer a voz pastosa do bêbado. Canções de escravos, mais toada do que palavras, por ele aprendidas na infância e trazidas para o Brasil no ventre dos negreiros” (Castro, 1989, p. 149-150).

Ao longo do romance a personagem atua como um indício do clima de violência que reina no Paraíso e que culmina no desfecho do romance. Assim, não obstante a descrição física, o papel da personagem no romance se pauta por uma ética que aviva a memória histórica da escravidão e exhibe a proximidade entre o sistema de aviamento, com seus hábitos de punição aplicados no seringal, e os hábitos da sociedade patriarcal escravista. É justamente por reviver uma experiência traumática, ao presenciar os castigos impostos a Firmino e a seu grupo, que Tiago se encoraja a ter atitude de justiceiro na terra onde não havia justiça. Tomado por recordações do horror, põe fim aos mandos de seu senhor e às ameaças de perenizar a violência:

surgiu, perneando lentamente, o negro Tiago. Após o alarme, ninguém mais o vira, ninguém mais pensara nele. O clarão agonizante, iluminando-lhe de lado o rosto seco e anguloso, tornava-o mais mefistofélico, velho feiticeiro que se animara, caminhando desengonçadamente, amparado pelo seu bordão. [...]

Dona Yáyá ia justamente retirar-se quando ele chegou ao grupo [...] e disse, voltado para o guarda-livro:

– Branco: me mande para a cadeia de Humaitá. Fui eu que deitei fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair... (Castro, 1989, p. 217).

Tiago parece agir movido não pela banalidade da violência (característica com a qual, por muito tempo, tentou-se caracterizar o negro), mas pela tentativa de livrar-se de um mal, um trauma ainda muito presente em sua memória. Nesse ponto, a personagem aproxima-se ainda mais da imagem do velho feiticeiro. De acordo com Jean-Michel Sallmann (2002, p. 22), o bruxo é um indivíduo capaz de modificar o destino de outro indivíduo por meio de procedimentos rituais ou simbólicos (*sors* em latim significa “sorte” ou “destino”; *sorcier* é a palavra francesa para bruxo). Ao fechar as portas do barracão, deixando o patrão preso ao fogo, a personagem de Castro cumpre duplamente o seu papel: de Mefisto, entregando a alma de Juca ao fogo (como representação do inferno); e de bruxo, mudando o destino da personagem. Todavia, como feiticeiro, Tiago não sofre a ação geralmente aplicada aos praticantes da bruxaria: a morte na fogueira. Pelo con-

trário, é ele quem materializa a justiça, apenas imaginada por Alberto, o estudante de direito³.

E é então pela boca de Tiago que vem à tona o discurso contra toda forma de escravidão, não apenas do negro, como também do sertanejo, do caboclo, do mestiço:

– Eu também *gostava* muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo *amigo* dele. Mas seu Juca se desviou... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravatura... Deteve-se. Os seus olhos erguiam-se, procuravam os de Guerreiro, *adquiriam vida e choravam* agora.

– Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no Maranhão. Branco não sabe o que é liberdade como negro velho. Eu é que sei! (Castro, 1989, p. 218, grifos nossos).

Quando comete o assassinato, Tiago, quase que de modo paradoxal, parece ter sido tomado por uma consciência humanitária, não observada durante o romance. O homem-espantalho, num raro momento em que se encontra sóbrio, resolve incendiar o barracão, mas, antes, avisa a todos sobre o incêndio – a exceção do mandante e do executor dos açoites (Juca, que morre, e Alexandrino, que consegue se salvar). Embora se utilize de um ato de violência para praticar a justiça, parece que, ao fim, a personagem se transforma (ou é transformado) em humano, pelo gesto justiceiro e libertário, e se demonstra cheio de emoções diante da morte e da dor. Aí, fica claro que este se afasta da figura de Mefisto – o diabo que na tradição literária se utiliza da razão para ganhar almas ao inferno –, pois a atitude de Tiago é, acima de tudo, movida pelas emoções causadas pela cena de açoite dos seringueiros aliada às lembranças de horror e ao medo de retorno a um sistema de barbárie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dar a uma personagem negra a possibilidade de argumentar, no fim do romance, Castro, de certo modo, foge ao maniqueísmo bem *versus* mal, porque um negro, visto historicamente como bárbaro e selvagem, toma a iniciativa de evitar que um passado recente de escravidão avultasse no espaço em que havia se refugiado. Especialmente quando se leva em consideração que o romance, tendo sido publicado em 1930, no Brasil, situa-se num tempo-espaço em que o discurso literário era ainda marcado mais por um falar sobre o negro do que por um falar do negro (Proença Filho, 2004).

Retomar, portanto, o romance de Ferreira de Castro, a partir de uma perspectiva crítica pós-colonial, permite que vislumbremos outras possibilidades de leitura da obra, revelando camadas ainda pouco visitadas da literatura, da cultura e da historiografia amazonense. Como dizíamos no resumo deste texto, a literatura, enquanto linguagem,

³ Ao dar ao negro o papel de assassino de seu patrão, Ferreira de Castro parece afinar-se com uma realidade histórica. Ygor Cavalcante recorta de um jornal um caso semelhante ao de Tiago: “em julho de 1872 foi preso o escravo André, ‘natural do Maranhão, com vinte anos de idade, solteiro e morador de Serpa’, por ‘haver barbaramente assassinado com um tiro de espingarda ao seu próprio senhor Joaquim Pedro Ferreira’, na noite de 13 de maio do mesmo ano. [...] André tentou justificar o assassinato devido às más condições em que estava. Segundo ele, seu senhor o ‘alimentava e vestia mal e o castigava com pancadas’. Ainda vivia ‘diariamente importunado por seu senhor’ e, algumas vezes, era castigado com pau” (Cavalcante, 2011, p. 55).

pode contribuir para a visibilidade de sujeitos historicamente marginalizados e apagados. Não obstante, a literatura também pode configurar-se como mais um espaço de reificação, apagamento e/ou de exotização desses sujeitos (Said, 2011).

Ora, se é possível apontarmos os limites da narrativa desenvolvida por Ferreira de Castro, no início do século XX, em relação aos grupos subalternizados representados em sua obra, consideramos fundamental o fato de o romance se apresentar enquanto forma cultural que contribui para uma revisão crítica de processos de exploração humana que se distendem de processos colonizatórios e do modo de produção capitalista (Mbembe, 2008) – no caso específico, em regiões da periferia do sistema-mundo uno e desigual (Wallerstein, 2005), como é a Amazônia.

Assim, ao retomarmos a pergunta lançada anteriormente (“o que se pode conjecturar em termos étnico-raciais em *A selva?*”), destacamos o olhar sensível do escritor português ao entrelaçar em seu projeto estético uma perspectiva étnico-racial negra e mestiça (pouco frequente e não raramente obliterada na literatura amazonense), juntamente com a denúncia da violência e da barbárie nas brenhas da Amazônia, notadamente no contexto histórico em que o romance veio a público em sua edição *princeps*, isto é, o da forte influência econômica do látex. Não obstante, como sujeito e escritor de seu tempo, não podemos deixar de notar em Ferreira de Castro – sobretudo nas representações de personagens atravessados por noções de gênero (o caso das personagens femininas não brancas), de classe e de raça – uma imagem reificadora e estereotipada de sujeitos afrodescendentes, veiculada a partir do enquadramento social e, sobretudo, a partir da escolha de uma variante desviante do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. Falas e cores: um estudo sobre o português de negros e escravos no Brasil do século XIX. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (orgs.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 247-264, 2008.
- _____. Fala de escravos brasileiros e portugueses: um esboço de comparação. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I; CARNEIRO, Z; ALMEIDA, N. (orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, p. 585-594, 2006.
- ALKMIM, Tânia; LÓPEZ, Laura A. Registros da escravidão: as falas de pretos-velhos e de Pai João. **Stockholm Review of Latin American Studies**, Issue n. 4, march, 2009. Disponível em: <<https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:272942/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- ALEIXO, M^a José N; SAMPAIO, Patrícia M. In: SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açai; CNPQ, 2011. p. 219-238.
- BARBOSA, Benedito Carlos Costa. Africanos na Amazônia Colonial: notas sobre fugas, mocambos e insolências nas terras do Grão-Pará e maranhão (1707-1750). **Transversos**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 02, mar.-set. 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/18548>>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1).
- BEZERRA NETO, José Maia. **Escravidão Negra no Grão-Pará** (séculos XVII-XIX). Belém: Paka-Tatu, 2012.

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myrim Ávila e Eliana Lourenço de Lima Reis. Gláucia Renata Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Tradução Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- BRUGIONI, Elena. Pós-Colonial e Decolonial. In: GALLO, Fernanda (org.). **Breve dicionário das literaturas africanas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022. p. 215-229.
- CASTRO, José Maria Ferreira de. **A selva**. 37. ed. Lisboa: Guimarães, 1989.
- CAVALCANTE, Ygor O. R. Fugidos ainda que sem motivo!: escravidão, liberdade e fugas escravas no Amazonas Imperial. In: SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açaí; CNPQ, 2011. p. 43-72.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Elnice Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2005.
- _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Napoleão. Presença africana na Amazônia. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 12, 1976. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20781>>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? – Pensando no limite. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et al.]. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 110-140.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- MARCOY, Paul. **Viagem pelo rio Amazonas**. Tradução, introdução e notas de Antonio Porro. 2. ed. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2006.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- PALHETA, Daniel; DAMASCENO, Alberto; EMINA, Santos. A diáspora de populações Africanas para Amazônia nos séculos XVII e XVIII: um olhar historiográfico sobre as motivações econômicas do Estado Português. **Brazilian Applied Science Review**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 951-969, jul./set. 2018. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BASR/article/view/460>>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Revista Estudos Avançados**, vol. 18, n. 50, São Paulo, jan/abril, 2004. p. 161-193. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas Noivas de Satã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- SAMPALIO, Patrícia Melo (org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açaí; CNPQ, 2011.
- VERGOLINO-HENRY, Anaíza; FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. **A Presença Africana na Amazônia Colonial: Uma notícia histórica**. Belém: Arquivo Público do Pará, 1990.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Análisis de sistemas-mundo: una introducción**. Traducción de Carlos Daniel Schroeder. Mexico: Siglo XXI, 2005.